

CARPIN'AMAR:

*Pequeno Guia Histórico e Sentimental
da Cidade de Carpina*



Paulo Ferreira

HINO DE CARPINA

Letra: João Barreto de Menezes
Música: Maestro Nelson Ferreira

**Longo tempo vivi dominada
E afinal os grilhões rebentei
Nos lampejos de minha alvorada
Tive apenas as bênçãos da lei.**

**Eu sentia ter seiva na vida
Com meus passos queria machar
Mas a frente trazendo abatida
Era apenas floresta vulgar.**

**Ontem escreva embora
Hoje liberta sou
Pois felizmente agora
Meu progresso raiou.**

**Ante o sol que ilumina as montanhas
Quando em fulgidos raios nos vem
Despertando energia estranhas
Despertou-me a esperança também.**

**No meu seio a justiça aberto
Podem todos viver e fluir
Florestando olha já vem perto
A grandeza do nosso porvir.**

**Ontem escreva embora
Hoje liberta sou
Pois felizmente agora
Meu progresso raiou.**

CARPIN'AMAR: Pequeno Guia Histórico e Sentimental da cidade de Carpina - Paulo Ferreira

Paulo Ferreira

CARPIN'AMAR:

*Pequeno Guia Histórico e Sentimental
da Cidade de Carpina*

Carpina, 2024

CARPIN'AMAR: Pequeno Guia Histórico e Sentimental da cidade de Carpina- Paulo Ferreira

Digitação e Revisão: Paulo Ferreira

Capa/ Obra: João Moraes

Projeto Gráfico e Diagramação: JM Comunicação/ Josi Marinho

1ª Edição

Ferreira, Paulo. *Carpin' Amar: Pequeno Guia Histórico e Sentimental da Cidade de Carpina*, 73p.

Carpina. História. Poesia

Todos os direitos reservados ao autor

Editora Cenário: Limoeiro

Carpina: 2024

É proibida a duplicação ou reprodução deste volume, no todo ou em parte, sob quaisquer formas ou meios (eletrônico, mecânico, gravação, fotocópia, distribuição na web e outros), sem permissão expressa da Editora.

FERREIRA, Paulo

CARPIN'AMAR: Pequeno Guia Histórico e Sentimental da Cidade de Carpina. 1ª Ed. Carpina, PE, 2024, 73p

Este projeto foi contemplado nos Editais da Lei Paulo Gustavo Pernambuco e direcionada pelo Ministério da Cultura- Governo Federal.

“Não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte”.

Mateus 5:14-16

Dedicatória

À cidade de Carpina, iniciando as homenagens do seu centenário, e os 96 anos de emancipação política.

Aos heróis pernambucanos, especialmente os mártires.

(à memória de Frei Caneca, no bicentenário de sua morte, em 2025).

Aos emancipadores de Carpina, os heróis da cidade.

Ao bicentenário da Confederação do Equador.

Agradecimentos

A Deus, aos meus pais Sebastião e Maria José Ferreira de Paula (em memória).

À Edite Marinho e Josi Marinho, em nome dos autores e autoras das principais obras consultadas.

Ao Ministério da Cultura, através da Lei Paulo Gustavo.

À Prefeitura de Carpina, através da Secretaria de Cultura, Turismo e Desportos.

À União Carpinense de Escritores e Artistas – UCEA.

Síntese

Carpina é cidade diferenciada. A maioria dos municípios brasileiros se formaram às margens de acidentes geográficos: rios, mares, vale, e no entorno de igrejas. A cidade de Carpina se originou de uma mata, ou melhor da sua devastação. Acontecimentos históricos memoráveis marcaram a formação e desenvolvimento de Carpina.

“Carpin’Amar” é um poema lírico e histórico. Nele resgatamos a imagem de como poderia ser a tal mata que, segundo a tradição e a História era um trecho de Mata Atlântica. Do “princípio” para a cidade contemporânea, o presente fará o leitor (a) se lembrar, ou descobrir o passado. Então, será conduzido às suas diversas etapas. Heróis da cidade são exaltados, assim como o monumento Leão do Norte. Este, é homenagem a todos os heróis pernambucanos. A religiosidade do povo do interior, a riqueza de sua fé, também é implantada em Carpina. São José, o padroeiro da cidade, tem a sua história romanceada. Um desfile de eventos saudosistas que ocorreram na cidade são relembrados. Carpina vista do alto é uma pequena metrópole rodeada por várias cidades. Uma revelação do poema é a beleza do grande amor telúrico de um povo por sua terra natal.

Por fim, o poema impõe uma reflexão do leitor (a), fazendo, inclusive, uma relação do passado com o presente para se construir um futuro melhor.

Apresentação

Eu tive a satisfação de escrever a apresentação do livro “Carpina, Terra do Leão do Norte”, que tem como coautor o jornalista e pesquisador Paulo Ferreira, junto com Josi Marinho e Sivaldo Venerando. Colegas de jornalismo que admiro neles o profissionalismo e talento. Agora, faço esta apresentação para um e-book, de sua autoria.

Muito inteligente esta nova maneira de escrever sobre a História de Carpina. Surpreendente, condensada, poetizada e de fácil leitura. Em versos livres e soltos, a narrativa ficou bastante interessante. É um passeio pelo passado. Do “princípio” para o presente, depois de volta ao passado, até o futuro, que não precisa ser profeta para adivinhar. No vai e vem do passado para o presente, e vice-versa, o autor trabalha a capacidade imaginária do leitor (a).

Lendo a descrição da antiga mata que era Carpina, parece que eu estava em um trecho daquela mata atlântica. Realmente, a demolição da igreja de são José é um trauma na alma dos antigos moradores católicos da cidade. No “Domingo na Feira” consegui reviver aqueles tempos, em que eu era menino. Em quantas saudades, eu mergulhei. Aqueles da terceira idade, quem não se lembra do “toco da paciência” e da “rua do inferno”? O autor conseguiu até formar uma colcha de retalhos da cidade! Eu não sabia que tinha uma “tatuagem no coração da minha alma”, pois há muito tempo conjugo o “verbo” Carpin’Amar. Este poema deixará a todos carpinenses e visitantes ainda mais apaixonados e admirados pela cidade de Carpina. Vamos Carpin’Amar, meus amigos e minhas amigas. Boa leitura.

Por Ramos Silva

Prefácio

Carpina, Guardiã da Liberdade

Todos cantam sua terra. Agora, chegou a minha vez. Assim, surgiu a ideia do poema longo e narrativo “Carpin’Amar: Pequeno Guia Histórico e Sentimental da Cidade de Carpina”. Sem pretensões literárias, ou históricas, inspirado no gênero épico, cheio de sentimentalismo, de declaração de amor telúrico a Carpina, eu compus este poema. O meu interesse maior é divulgar, de forma literária, para o mundo a bonita História de nossa cidade, contada de forma diferente. Facilito a compreensão dos fatos passados, com uma linguagem mais adequada ao gosto dos internautas. Escancaro meu amor a Carpina, e desta forma influencio a outros cidadãos a fazerem o mesmo, de seu jeito. Através do “Carpin’Amar” expresso minhas eternas homenagens aos heróis pernambucanos, inclusive, os carpinenses, nossos queridos emancipadores.

Que cidade, ou localidade, (à época) abriu mais seu “coração” para aconchegar os valorosos “leões” pernambucanos; e depois marcar esse feito com um imponente monumento? “O povo (carpinense, eternamente,) ajoelhado venera aos heróis pernambucanos”, está escrito no pedestal do monumento. Carpina é a única cidade pernambucana onde “mora” o Leão do Norte. E, isso nos orgulha. Os homens-leões eram pessoas íntegras,

verdadeiros patriotas, que ofereceram suas vidas em holocausto para defender a pátria, nossa mãe telúrica.

Hoje, o “bravo” Leão do Norte da praça são José não é apenas um símbolo maior da nossa História. É um “sentinela” da cidade. Guardiã da liberdade, das façanhas memoráveis de Frei Caneca, padre Roma, padre João Ribeiro (tracunhaense), João Souto Maior e tantos outros. Também relembra as atrocidades que fizeram com os mártires das insurreições: o herói Souto Maior, por exemplo, depois de perseguido e morto, teve o corpo amarrado em um poste até o cadáver secar. Frei Caneca, como um Cristo, caminhou pelas ruas do Recife com a corda e o laço no pescoço (o baraço, a sua cruz) para ser enforcado. Mas foi fuzilado na fortaleza das Cinco Pontas. Padre João Ribeiro, depois de descoberto, se suicidou. Teve o corpo esquartejado e a cabeça degolada, e exibida em praça pública por dois anos (antes, portugueses desfilaram com ela na ponta de uma espada).

Este trabalho é apenas um aperitivo para estudantes, professores, pesquisadores se aprofundarem. Não se esqueçam: quem ama, preserva, cuida.

Quando vejo o Leão do Norte na Praça São José, parece rugir. Ele faz de Carpina uma cidade guardiã da liberdade, uma filha ilustre de Pernambuco, do Brasil.

Carpina, 28 de Março de 2024

O autor

Índice

Dedicatória	05
Agradecimentos	06
Síntese	07
Apresentação	08
Carpina, Guardiã da Liberdade (Prefácio)	09
Canto 1...	
Terra Abençoada (Prólogo).....	13
Canto 2 ...	
A Gênese da Cidade.....	16
Canto 3...	
Exaltação ao Leão do Norte.....	20
Canto 4...	
Carpina da Floresta dos Leões.....	22
Canto 5...	
Historiando.....	24
Canto 6...	
Os Pioneiros.....	26
Canto 7...	
Nos Tempos de Engenho.....	28
Canto 8...	
Nome Histórico.....	33
Canto 9...	
ReligioMente.....	35

Canto 10...	
O Santo Carpinteiro.....	37
Canto 11...	
Benfeitores e Emancipadores.....	41
Canto 12...	
Cidade-saudade.....	43
Canto 13...	
Domingo na Feira.....	46
Canto 14...	
A Roda da Zona da Mata.....	49
Canto 15...	
Retalhos da Cidade.....	50
Canto 16...	
Poema Geográfico.....	53
Canto 17 ...	
O Trem de Carpina.....	56
Canto 18 ...	
O Tempo e a Cidade.....	59
Canto 19...	
Nenhum Lugar do Mundo.....	61
Canto 20 ...	
Poesia Viva.....	63
Canto 21...	
Tatuagem na Alma (Epílogo).....	65
Posfácio	69
Bibliografia.....	71
Ramos Silva (Apresentação).....	72
Paulo Ferreira (Autor).....	73

Canto 1

Terra Abençoada (prólogo)

Eu faço do meu coração viola.
Descerro as empoeiradas
cortinas do tempo: que espetáculo!

Tudo que ora relembro, ofereço,
como tributo à Terra do Leão do Norte:
Carpina, que me fascina.
Aos heróis, principalmente os mártires,
da pequena e média pátria, que celebro.
O nosso espiritual protetor, são José,
me guie nessa jornada pelo tempo,
para fazer a cantiga de uma bela cidade.

Que meus versos simples, compreensivos,

a todos (as) que se aventurarem, sejam.

Canto as belezas desta cidade

e a bravura de seus filhos(as) gentis.

Ao anjo que, sob as ordens do Senhor,

em um planalto a intronizou.

Pensada pelo Senhor Jesus Cristo,

por São José, abençoada;

assim, “nasceu” Carpina.

Guardiã das memórias dos heróis

pernambucanos, valorosos brasileiros.

Bernardo Vieira de Melo, Frei Caneca,

os maiores heróis, por ela, venerados.

Armando Gayoso, no seio do povo valente,

é o representante de nossa gente

na luta contra dois gigantes.

Sábios, heróis, prudentes, atraem
bênçãos para uma cidade;
ímpios, perdições e maldades.
Que os agentes do mau, dela, se afastem,
pois Carpina é terra abençoada.
Mas, para a cidade ser fundada,
uma bela e verde mata (preciso)
foi, completamente, dizimada.

Canto 2

A Gênese da Cidade

No éon do amanhecer dos tempos,
com os cinco elementos em ebulição,
o planeta parecia uma grande bola de fogo.

Foi quando houve a gênese terrestre,
obra do Espírito e Verbo Divinos.
Formados os geográficos acidentes:
lagos, rios, montanhas, vales, serras...
Na infância da Terra,
no Sul-americano continente,
uma imensa biodiversidade florestal
à beira do mar do oceano,
que viria a se chamar Atlântico,

avança do litoral ao interior:

a bela Mata Atlântica.

No território, onde indígenas tabajaras havia,

(antes viviam os tapuias no lugar)

habitantes de uma formosa floresta,

vasto e belo trecho de Atlântica Mata

formada por árvores diversas e raras:

“Paus-brasil; jacarandás, jataúbas; mulungus,

jequitibás, quaresmeiras; imbaúbas; caviúnas;

copaíbas; paus-ferro; paus-d’arco; angicos...”

Diversas espécies de pássaros,

em bailados multicolores, ziguezagueando,

traçando voos vertiginosos, dançando:

“Patativas; galos de campina; rouxinóis;

sanhaçus; canários; periquitos; papagaios;

beija-flores; araras; andorinhas; sabiás...”

No chão, atapetados por folhas amareladas,

animais passeavam, viviam em festa:

“Jagatiricas; capivaras; onças pintadas;
micos-leões dourados; bichos-preguiças;
tamanduás; jararacas; guarás; pacas...”

“A terra é muito chã e formosa,
cheia de grandes arvoredos”.

Belas espécies florais exóticas
enfeitavam a perfumada mata.

Águas vertendo das nascentes,
escorrendo pelas pedras – a música primordial!

Paraíso de paisagens verdejantes:

pomar, jardim, lagos, frutas, flores, peixes.

Por entre a floresta, riachos coleantes.

Bosque de beleza suave e selvagem poesia!

Assemelhava-se ao Éden do primitivo casal,
a mata transformada em Carpina?

(A felicidade da mata era
a ausência do ser humano.
Pássaros, árvores, animais;
a natureza vivia em paz!
Reflorestar é preciso;
viver não é possível,
sem a bondosa natureza.)

Canto 3

Exaltação ao Leão do Norte

A Torre Eiffel representa Paris.
Nova Yorque tem a estátua da Liberdade.
O Egito misterioso, as três pirâmides.
Londres se guia pelo Big Ben.
Roma lembra as atrocidades no Coliseu.
Rio de Janeiro louva ao Cristo Redentor.
Carpina e sua História se orgulham
do monumento ao Leão do Norte,
onde lê-se: “O povo ajoelhado
venera aos heróis pernambucanos”.

A imagem do leão, em tamanho natural,
no sítio histórico da cidade,
é símbolo da bravura indomável
de nossos heróis eternos.

O bravo leão da praça,
reliquia da pernambucanidade,
remonta aos tempos da vila.
Também eterniza saudade.
Por tanta valentia,
tornou-se identidade
e ainda faz parte
do brasão da cidade.

Monumento confeccionado em Paris
é bela obra de arte, inaugurado em 1907.
Hoje, orgulho de toda a cidade.

Canto 4

Carpina da Floresta dos Leões

Carpina planejada e embelezada,
Cidade-Shopping Center a céu aberto.
Terra dos carpinteiros e mamulengueiros,
onde bonecos de madeira viram gente:
andam, dançam, cantam, falam, choram.
Cidade-polo da Mata Norte,
dos valorosos homens do passado e presente.
Cidade das belas praças, dos cantadores,
dos artistas, poetas, escritores, comunicadores,
doutores, jornalistas, artesãos, comerciantes.

Das ruas largas, compridas e planas,
de palmeiras, baobás, centenárias jaqueiras.
Carpina, Casa do Leão do Norte.
Eterna Floresta dos Leões.

Canto 5

Historiando

De Olinda uma “guerra” se alastrou
por essas paragens: portugueses
contra pernambucanos valentes.
Peleja entre senhores de engenho
e comerciantes portugueses do Recife.
Mil setecentos e dez
era. A Guerra dos Mascates.

Perdida a luta, os “homens-leões”,
comandados por Leão Falcão d’Eça,
(mais de 400 eram).
Se refugiaram na mata,
que será a Chã do Carpina.
Porto seguro contra perseguições.

Fazem da floresta quartel-general, abrigo,

refúgio, acampamento de guerreiros.

Depois foram terras de sesmarias,
doadas a Luís Álvares Moreira.

Estiveram também na mata
a tropa de João Solto Maior,
o Leão de Tejucupapo,
um dos heróis da Revolução
de mil oitocentos e dezessete.

Ainda passaram e se abrigaram,
nessa virgem mata, os confederados,
heróis da Confederação do Equador,
futuros mártires pelo povo santificados:
Frei Caneca, major Agostinho, capitão Lázaro ...,
na “marcha heroica em busca da liberdade”.

Canto 6

Os Pioneiros

No início dos oitocentos, do Recife,
uma caravana de portugueses, veio.
Diz a História: 16 exploradores de pau-brasil.
No trecho da virgem mata se instalaram.
Eram carpinteiros, tanoeiros, aventureiros.
Fizeram negócios, ganharam muito dinheiro.

Desses desbravadores se destacaram
Martin Francisco e José de Andrade Lima
e, ainda, um certo Luiz José de Melo.
Marcou presença o apelidado por Martinho,
que nessas paragens fez morada,
que era caminho de boiadas.
A ele, se juntaram outros “carpinas”,

lenhadores, criadores de gado
e gente pobre sem moradia.

Surgia, então, a Chã do Carpina!
Nome dado por forasteiros
vindos de Bom Jardim e Limoeiro.
(Viajantes, vendedores, boiadeiros.)

Canto 7

Nos Tempos dos Engenhos

Engenho Queira Deus. Já ouviram falar?

Depois mudaram o nome: Valha-me Deus!

Tinha uma enorme senzala, capela,
casa-grande e muitos canaviais.

(No bairro da Senzala se transformou).

Lá se dizia, quando chegava:

“Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo”.

A escrava, dentro da casa, respondia:

“Para sempre seja louvado e amado!”

(Hoje, bem que se poderia dizer assim...)

Na casa-grande morou D. Yaya,

uma das primeiras professoras do lugar.

Por movimentar os engenhos,
descrevo sobre a cana- de- açúcar:
amante do sol e filha da antiga Pérsia,
Ásia Ocidental, esse vegetal dos trópicos
percorreu os caminhos das Índias
e desembarcou em Pernambuco;
que fez a “mais próspera capitania”.

Sua flor é um pendão sedoso e piramidal.
De haste dura e nodosa, a cana
tem uma espécie de medula mole
e doce, da qual se extrai o caldo
para a produção do açúcar;
que adoça o amargor da vida.

O homem, a terra e a cana:
escravidão, sofrimento, trabalho,
desenvolvimento e notáveis riquezas.
Ela não se reproduz sem a ajuda do homem.
Não aceita outra cultura por perto.

É egoísta e agressiva, mas doce!

Consumo excessivo: diab(o)etes.

O açúcar, milagre da terra, foi ouro branco.

Criou cultura e civilização.

Motivo de guerras e ambições.

Deus inspirou os homens

a transformarem a cana em açúcar,

o demônio (más inclinações) os induziram

a inventar a mardita cachaça.

O tempo, que não sabe esquecer,

guardou os nomes dos antigos engenhos:

Cajá, quantos canaviais devoraste?

Canadá, que produziu cana de qualidade.

Angústias e sua linda capela barroca.

Serraria, lá repousa o prefeito primeiro,

Coronel Ernesto Pompílio do Rêgo.

Caramuru virou belo povoado.

Açude do Meio era outro engenho.

Valha-me Deus, gritavam os escravos.

O manso **Cordeiro** era um bom engenho.

Pindoba, o mais pitoresco e preservado.

Cadê o engenho **Novo do Muro**?

O **Trapuá** tem reserva de Mata Atlântica.

Limeira Grande, local da Inconfidência Carpinense.

Os poéticos **Brejinho, Limeirinha, Floresta,**

Rosário, Retiro, São Francisco, Santana ...

Takuãre-ê, os índios chamavam a cana.

Caiana, crioula, cabocla, cristalina,

canas roxa, fita, preta, rosa, três xis ...

Coisas do engenho trapiche ou banguê:

o carro de boi se arrastando

nas estradas empoeiradas, o carreiro

maltratando os bois, fogo na caldeira,

a bagaceira, o cheiro de melado, fogo e lenha,

escravos suados trabalhando forçados.

(quem se esqueceu das “canções”

dos carros de boi nas estradas?

Lamentos pelo sofrimento dos escravos

e dos tristes animais...)

Ruínas são o que restaram
dos nossos antigos engenhos.
Os bueiros se tornaram relíquias
da civilização do açúcar.
E os imensos canaviais
mares de folhas verde-esperanças
com os pendões prateados
nos saudando, são lembranças.
(Nossos engenhos; com suas casas-grandes,
senzalas, moitas, capelas e canaviais
eram nossos belos castelos medievais).

Canto 8

Nome Histórico

Martin Francisco, guerreiro de Marte,
por ser carpina, ou carpinteiro,
originou o nome da futura cidade.

A palavra “carpina” provém de longe,
da linguagem de povos antigos da Ásia,
os cárias. Na antiguidade existiram.

Imigrantes em navios fenícios
teriam vindo ao Brasil no passado
(mil e cem anos antes de Cristo).

No litoral norte fundaram civilização
e a formação dos nossos indígenas
organizaram. Car era o gênio dessa nação.

Pino chamavam a madeira.

A arte de lavrar madeira: car-pino!

Kara'pina ficou na língua indígena.

Carpina é palavra aportuguesada.

Canto 9

Religiosamente

“O virtuoso capuchinho, Frei Venâncio”,
foi o primeiro evangelizador do lugar.
O frade fez construir uma igreja,
pedindo doações aos senhores de engenho,
e dedicou ao glorioso são José,
que ficou sendo o padroeiro.
Padre Manoel da Rocha Carvalho,
o primeiro vigário da Chã do Carpina.

Quinze anos se passaram
na construção da igreja-matriz,
inaugurada nas últimas horas
do século dezenove, com muita festa.
Mas poucos meses precisaram
para ser, impiedosamente, demolida.

Dos primeiros templos cristãos (1817)

é a capelinha de são Pedro da Ribeira,
bucólico e poético povoado.
Surgiu no entorno dessa capela,
dedicada ao santo pescador.
Ex-voto, por promessa seria?

Carpina de todas as religiões.
Há templos por vários cantos
espalhados, convidando a orações.
Cada um com seus santos,
louvando ao Nosso Deus Altíssimo.

Canto 10

O Santo Carpinteiro

Descendência do rei Davi

gerou de Jessé a Jacó.

Jacó gerou a José.

Yosef Ben Yakov.

José filho de Jacó.

Quando jovem, José carpina

foi ao templo entregar encomenda:

uma arca polida de amora dourada.

Então, ele viu a virgem Maria.

Entreolharam-se, maravilhados.

Seus corações sorriram um ao outro.

Da segunda vez que a encontrou,

deu-lhe um buquê de lírios brancos.

“Da cepa brotou a rama,
da rama brotou a flor,
da flor nasceu Maria,
de Maria, o Salvador.”

Certa manhã, Maria fazia o desjejum,
José se organizava para o trabalho.
O menino Jesus, tranquilo, dormia.

Após a refeição matinal,
José beijou filhinho e esposa.
Ofertou-a tâmaras e romãs.
Foi buscar o seu jumentinho
com o caçuí cheio de ferramentas:
serrote, plaina, martelo, pregos, madeiras.

Pelas estreitas ruas de Nazaré,
o povo, das janelas e portas
de suas casas, comentava:

“- Lá vai José com seu burrinho.

Bom trabalhador e amoroso esposo.

Maria, em casa, cuida do bebezinho.

- Eles formam um belo casal.

O amor deles, mesmo sob suspeição,

é do tamanho do mundo.

- O menino parece um anjinho,

com seus cabelinhos cacheados

e as bochechinhas rechonchudas.

- E José, o bom carpinteiro?

Melhor lavrador de madeira,

não há em toda a Galileia!

- Confecciona portas, janelas, estantes

de sinagogas, móveis em geral.

Tudo firme, seguro e com estabilidade.

-As portas e janelas que fabrica

nenhum ladrão adentra.

- Fabrica arcas e berços de cedro, pinho,
madeiras de acácias e amoras douradas;
polidas, bonitas, uma perfeição.

- Ele tem a sabedoria dos antigos
fenícios, caldeus, gregos, egípcios.

Será milagre: tudo que José faz
não é atacado pelo tempo e os elementos?

- Quando trabalha, Deus coloca
Suas Mãos sobre as dele. Quantas habilidades!”

Há centenas de anos,
José “atravessou” os oceanos
e veio, em Carpina, “morar”.

Uma vez a cada ano,
ele “caminha” em procissão
pelas largas ruas da cidade.

O povo alegre, emocionado, festeja:

Viva são José! Viva são José, Viva são José!

Canto 11

Benfeitores e Emancipadores

A futura Carpina se dividia
em duas áreas: a Nazareth
e a Paudalho pertencia.

A linha do trem marcava a fronteira.
De Chã do Carpina a Floresta dos Leões.

E a vila ganhou nome novo,
apenas Carpina (1928).
Por fim, consegue a liberdade.
Glórias à memória dos emancipadores,
dos filhos ilustres e benfeitores:
salve, Baltazar Ferreira Pinto, João Cavalcanti Petribu,
Roberto Rawlinson, José Francisco Chateaubriand,
Estácio Coimbra, José Simplício de Lima Júnior...

(Era uma vez uma princesa subjugada
a dois cruéis gigantes. Eles a maltratavam.
“Longo tempo viveu dominada”
Crescidos os seus filhos amados
valentes guerreiros se tornaram.
E um grupo de heróis pelejou bravamente.
Venceram os gigantes! Salvaram a princesa,
como os “leões”, a pátria. Vivas à liberdade!)

Nunca esquecer os versos de outrora:

“Emudecer não há de
Jamais minha voz
Clamando liberdade
Na turba dos heróis”.

Canto 12

Cidade-saudade

Carpina da igreja crucificada de são José,
tem grande tradição religiosa;
da inesquecível Gruta Azul;
das saudosas festa dos Reis Magos;
dos folclóricos carnavais e são Joões;
do trem fereiro e do forró;
da jaqueira mal-assombrada,
onde acharam uma botija.

Quem não se lembra
do “toco da paciência” e da “rua do Inferno”?
Na estação, as chegadas e partidas;
dos cinemas Santo Antônio e Radium;
da juventude dos “belos tempos”;
dos bailes do Clube Lenhadores.
Os carnavais do Clube Espanadores.

E os belos desfiles cívico-militares?

(Hoje, a beleza e emoção de antes.)

Da famosa Rádio Planalto;

das serestas de noites enluaradas;

dos colégios Salesiano, Pio X e Santa Cruz.

Agora, a cidade é uma imensa saudade.

(Que é um dos diferenciais

entre os seres humanos

e as espécies animais.)

“Pitoresca, saudável, poética”.

Uma mata, povoado, vila, cidade.

Tinha qualidades climáticas curativas

para diversas enfermidades do corpo

(rins, baço, fígado, pulmões) e da alma.

Bela cidade sombreada pelos fícus

benjamins, acácias, oitis, castanholas.

(Precisamos reflorestar Carpina.)

A Great Western decisiva foi
no seu florescimento e progresso.
A ferrovia estimulou o desenvolvimento
cultural, social e econômico da cidade.
A antiga estação e o Clube Espanadores
são relíquias de um tempo glorioso.

O trem da Great Western
ainda atravessa a cidade,
como um fantasma,
apitando eternamente...

Canto 13

Domingo na Feira

Pense em uma grande feira,
que em Carpina havia.
De pato, peru a quartinha,
lá, de tudo tinha.

A maior feira livre da região,
a quarta de todo o estado.
Abundância e variedade de produtos.
Hoje, a praça Joaquim Nabuco,
era, dos feirantes, o reinado.

Tinha até um “trem fereiro”,
que aos domingos vinha
trazendo visitantes e clientes
do Recife e cidades vizinhas.

Na feira se comprava:

tapioca, massa de mandioca,
bode, porco, ovo, galinha,
fumo de rolo, cachimbo, sarapatel,
mel de engenho, cachaças de cabeça.

Compravam roletes de cana, bonecas de pano,
cordas, balaios e cestos de palha,
utensílios de barro, frande e alumínio,
tamancos, tarecos, Manés Gostosos,
cavalinhos e outros bichinhos de barro.

As crianças se interessavam pelos carrinhos
de lata, alfenins, bonecos de mamulengo,
bodoques, piões, doces da fábrica Praieira.
Também se compravam: doces de guabirabas,
panelas de barro, esteiras de palha, redes,
cachos de baianas laranjas, água fresquinha.

Rendas, bordados, panos de saco, beijus, miudezas,
café em grãos, açúcar bruto, alpercatas de borracha,
chapéus de palha, feijão verde e de corda, favas,
queijos, farinhas, bacalhaus, colheres de paus,
aguardentes, jilós, bolachas, pães de peso e doce,
pães de Ló, pés de moleque na folha da bananeira.

Gente bem vestida nas ruas,
feirantes e clientes alegres,
balaieiros apressados procurando
clientes, gritando e correndo,
mocinhas e rapazes namorando.

Não faltavam, pendurados em cordões
nas barracas, os folhetos de cordel.

Nas esquinas havia os lambe-lambes,
fotógrafos elegantes e bem educados;
fotografando e entregando
a cópia na hora, quentinha.

(Somente a fotografia e a poesia
conseguem aprisionar o tempo.)

Canto 14

A Roda da Zona da Mata

“Não se pode esconder uma cidade
sobre um monte”, disse Jesus Cristo.

Assim, Carpina, de vários cantos
é muito vista, admirada e querida.

Pequena metrópole interiorana,
uma máquina moto-contínua.

Do planalto, observada do alto,
vê-se uma cidade majestosa no centro,
pelas cidades circunvizinhas, rodeada:
Tracunhaém; Lagoa do Carro; Araçoiaba;
Lagoa de Itaenga; Paudalho; Limoeiro;
Buenos Aires; Nazaré da Mata; Itaquitinga;
Feira Nova; Condado; Aliança; Goiana;
São Vicente Ferrer; João Alfredo; Itambé;
Chã de Alegria; Timbaúba; Glória de Goitá;
São Lourenço da Mata; Macaparana; Vitória;
Pedras de Fogo; Vicência; Ferreiros; Camutanga.

Canto 15

Retalhos da Cidade

Afino as cordas do meu coração,
para cantar espontâneos afetos
(Deus te livre, minha Carpina,
dos falsos amantes e embusteiros)
às porções de antigos engenhos,
sítios, fazendas, latifúndios
que formaram esse ente coletivo;
de bairros, subúrbios e loteamentos.

Vindas de ilhas do oceano Pacífico,
cajazeiras enfeitavam a mata,
e ofereceram seu nome a um engenho
Cajá, que virou bairro bonito e imenso.
Religiosa **Madre Rosa**, como mãe bondosa,
juntou seus filhos em agradável cantinho.

Abençoado **Santa Cruz** dos carpinenses.

Santos e santas desceram dos céus

para “morar” em nossa Carpina:

Terezinha, Antônio, José, Sebastião.

Temos **Senzala** sem escravidão.

Em **Chã do Meio** se vê o mundo inteiro.

Uma árvore **Caraúba** ficou **Torta**

e originou o nome do povoado.

Caramuru, em Carpina, veio fazer o quê?

São Pedro resolveu “morar” na **Ribeira.**

Três Paus, aqui, é bucólico povoado.

Aparecida e Três Marias se encontraram,

para evidenciar o poder feminino na cidade.

Bairro Novo, Jardim Neópolis, bem habitados,

são maiores e mais povoados que muitas cidades.

Ainda temos **Pantanal e Florestinha.**

Carneiro, em Carpina, convive bem com **Leão**.

Tabocas, os índios chamavam o bambu;

virou nome de uma bela localidade.

Há muitos condomínios e loteamentos.

Todos fazem a bela cidade de Carpina,

“Cada vez maior”, como sonhou o poeta.

Canto 16

Poema Geográfico

Por sua própria natureza,
Carpina se caracteriza:
Saudade da virgem mata;
luz do sol, clara e límpida;
ar fino e puro de floresta;
luar rodeado de estrelas;
vento é suave sinfonia;
doces águas cruzam
seu solo feminino.
Pelo Capibaribe, banhada.
Em altiplano, glorificada.

Geográficas coordenadas carpinenses:
latitude 7° 51' 03''s,
longitude 35° 15' 17''o.
Agradável clima tropical.

147, 017 km² de formosura.

A 184 m do nível do mar,

do qual, 59,3 km, dista.

Serra da Fonte: mais perto do céu.

Produz de cana-de-açúcar

a bata doce, mandioca, banana.

Exagerado êxodo rural

(quem vai cultivar os campos?)

Florescente comércio.

A problemática cidadina:

indústrias, fábricas; cadê?

Palmeiras imperiais, belos baobás,

de longe, de além- mar, vieram.

Cajueiros, jaqueiras, cajazeiras,

tamarindos, cajueiros, oitizeiros.

Resquícios da verde mata

(vamos reflorestar Carpina).

Lembranças extintas
de um divino sonho
e dos naturais elementos.
Tecem sua cidadina identidade.

Canto 17

O Trem de Carpina

Parece que ainda vejo
o trem da Great Western
chegando a Carpina:
os meninos, desenfreados,
corriam para a estação
Floresta dos Leões.

Outros meninos vendiam
roletes de cana, cavacos,
pirulitos, tapiocas quentinhas
e, com um único copo,
água fresca da quartinha.

O trem era sempre o mesmo
em todas as cidades.
Mas, quando o Great Western
chegava a Carpina,
era mais bonito e animado.
Chamavam “o trem de Carpina”.

À época, o povo cantava
um sucesso de Luís Vieira,
tocado na Rádio Planalto:
“Lá vai o danado do trem
levando Maria Filó...
Levando todos os “terem”
no meio dos cacarecos
meu coração vai também.”

A primeira vez que andei de trem
no colo de minha mãe,
olhando pela janela, gritei:
“Olha, mamãe, olha!

As árvores estão andando,
correndo com o trem.”
Mamãe e os passageiros riram.

Um dia, o povo carpinense,
triste, disse adeus ao trem
que, “pra uns leva alegria
pra outros deixa saudade”.
E o trem, desta vez,
foi que nos deixou saudades!

Canto 18

O Tempo e a Cidade

Dizem: “Quem vive de passado
é museu”. Assim, não penso.

O passado não passa. Vive!

O futuro em presente
também se transformará.

O tempo é moto-contínuo.

O passado é eterno, não passará.

Feliz do ser humano que,
no coração de sua alma,
a sua história salvaguarda.

Tratamos do nascimento da cidade,
da sua infância e adolescência;
na terceira idade, está.

Principia o seu centenário.

O registro da memória ajuda
a clarear as reminiscências,

além de preservar a História.

O tempo não volta;
voa, como passarinho.

Ele é feito o vento,
corre veloz, serelepe.

É menino levado.

Porque rouba infâncias,
é “eterna criança”.

De nós, por piedade,
Deus criou a saudade.

Revelador de mistérios,
o tempo, senhor da eternidade.

O mundo reviravolta.

Gira a roda do tempo.

Passam futuros, presentes
e passados. Tudo se sucede
para fazer de Carpina
uma grandiosa cidade.

Canto 19

Nenhum Lugar do Mundo

Esquecer, impossível, é
não esquecer de lembrar:
o que em Carpina havia,
em nenhum outro lugar
do mundo existia; só aqui.
Empreendimento arrojado.
Um complexo diversional:
O Ponto e a Gruta Azul
de Baltazar Ferreira Pinto,
um dos ex-prefeitos da cidade.

Imagina um lugar
que reunia tudo o que povo
precisava para o seu lazer.
Com esportes, arte, cultura,
Gastronomia, educação.

Foi nos tempos das gasosas.

A maior obra de entretenimento
de Floresta dos Leões e região.

O incrível espaço possuía:
parque de diversões, teatro,
quadra de volley ball e tênis;
passeio de bicicletas; salão de festas;
bar; lanchonete; dancing;
cinema; mini zoológico;
mini campo de futebol;
salão de jogos: snooker e bilhar.

Depois foi Escolas Reunidas,
a primeira a oferecer merenda escolar.

Edificados em formato de palácio
e estilo colonial, o Ponto e a Gruta
durante anos atraíram moradores
de várias cidades ao local.

Algo espetacular, que deixou saudade.
O tempo e a especulação imobiliária,
um dia, tudo acabou. “Na vida tudo passa”.

Canto 20

Poesia Viva

Um poema urbano,
Carpina, cidade heróica.
Venceu e vence adversidades
para abrigar os filhos seus,
e de várias outras cidades.
De quebra, são também seus filhos
heróis, heroínas desta jornada
que aconteceu e não finda.

Gilgamés, Odisseu, Enéias, Vasco,
Jorge; heróis eternos
de clássicas epopeias.
A lendária Eleutéria,
deusa grega da liberdade,
de certo, nesta jornada, estaria.

Vivemos uma histórica caminhada.

Estimados (as) leitores (as)

quem será que se reconhece

como nautas desta façanha?

Se o poema fosse uma rosa,

a poesia, seu perfume seria.

Carpina é um belo poema

e seus filhos são líricas poesias!

Canto 21

Tatuagem na Alma (epilógo)

Cantamos a invenção de Carpina:
por “mares” de antes navegados,
velejamos em uma bela história humana.
Foram as ondas presentes e passados,
recontando o que muito nos emociona.
Lusos guerreiros dos mares desconhecidos
- que misterioso esse doce fado!-
Tudo por ouro e pelo sagrado.

A fascinante cidade martiniana,
de privilegiada posição geográfica
- Altiplano de 184 metros de altitude -
palco e trono da Rainha do Planalto!

De alma artística e política inquieta,
são teus filhos valentes e corajosos;
influência dos homens-leões.

Raça pura do Leão do Norte.
Por teu desenvolvimento e importância,
tu foste capital pernambucana;
mesmo que provisória, eu sei.
Mas estás eternamente nessa História.
Salesiano foi o palácio (do Planalto),
de onde o Estado foi governado
na gestão itinerante de Eraldo Gueiros.

Desta forma aconteceu
a “genealogia” da cidade:
a mata gerou os índios,
que foram dizimados.
Patriotas geraram a História.
Alvares Moreira gerou sesmarias.
Francisco Chateaubriand
gerou a Floresta dos Leões.

Martim Francisco, a Chã do Carpina.
Os emancipadores geraram a Carpina
e o seu povo gerou o progresso.

Hoje, tantos e quantos habitantes,
gente daqui e lugares distantes,
atraída pela cidade em ascensão.
De um passado de glórias
fez-se uma bela História
(a qual com muita honra eternizo),
construiu-se admirável presente.
Daí, grandioso, se avista o futuro.
A História é a sombra do passado
que, neste caso, virou saudade.

Queria cantar-te, Carpina,
como cantam os sabiás.
Queria ter a sapiência
dos antigos menestréis.
Quem me dera, dos sabiás,

seus ricos repertórios vocais.

Sou apenas humilde cantador.

Nem Roma, Londres, Rio, ou Paris

(e Lisboa com seus “encantos e belezas”);

Carpina tu és, de todas as cidades,

a mais amada! (Em teoria e tese,

em prosa, versos e poesia).

Pois, está bem tatuado nos corações

de nossas almas, como suave e eterna

cicatriz marcada, este verbo novo:

Carpin’Amar! Conjuguem vocês todos!

Realidades Essenciais (posfácio)

Escrever sobre o passado significa, também, fazer relações com o presente. Nesse recuo ao arcaico, cabe a crítica, a reflexão. Deixo ao leitor (a) a tarefa da reflexão. Procurei no passado elementos que caracterizassem as vicissitudes que ocorreram de lá para cá.

Este é um dos meus propósitos em Carpin'Amar, que não é um livro on-line (e-book) de poesia, embora escrito em versos. A poesia é a alma do poema, este o seu corpo (considero). Este poema é didático. A poesia nele deve ser extraída pelo leitor (a), se tiver a devida sensibilidade. Pois, enquanto o poema ensina, a poesia revela. “A ciência só se entrega aos seus escravos”, disse um certo cientista. No plano humano, os mistérios não se revelam a qualquer um. A poesia é uma mensagem para ser decifrada, assim, revelará as realidades essenciais.

Em Carpin'Amar procurei traduzir e recontar o que foi registrado por vários historiadores e pesquisadores, com alguns fatos novos. A história de cada cidadão se confunde com a própria História de sua terra natal, ou local que se escolheu para viver. Assim, amar a sua cidade é amar a si mesmo.

Tudo escrito, foi visto, sentido e vivido pela população carpinense. Este “Pequeno Guia” é fruto de leituras e pesquisas, até de campo, quando foi preciso ir às áreas rurais da cidade. A História do povoado de São Pedro,

por exemplo, está na memória de sua gente, principalmente os mais velhos. É preciso ir lá e extrair essas preciosidades.

O fato novo que contei, e não foi registrado por historiadores: a passagem de Frei Caneca e as tropas pernambucanas fugindo das forças imperiais (no episódio da Confederação do Equador) rumo ao agreste setentrional e o Ceará. Frei Caneca não menciona essa jornada pela mata virgem, que um dia seria Carpina, em seu “Itinerário”. Contudo, não havia outro caminho do Recife para Limoeiro e Vicência (à época), onde pernaitou no Engenho Poço Comprido (e lá, foram traídos). Por certo, fizeram parada na chã, se abrigaram, comeram frutas, cuidaram dos cavalos.

Espero ter contribuído, com este trabalho, para se rever a História da cidade de outra forma, capaz de torná-la mais apaixonante, pois, tudo precisa de amor cada vez (mais) e maior.

Carpina não é apenas uma porção de terras, uma planta urbana, uma expressão histórica. Ela é imensurável, de corpo e alma. Cada um de seus habitantes, nativos ou não, é uma centelha da cidade.

O poema, em que uno passado e presente com vistas ao futuro, também é uma historiografia da cidade.

E eis uma das revelações: Carpina é o próprio poema geográfico e seu povo, a poesia. O que é, ao mesmo tempo, o poeta/poetisa. Que Deus abençoe a Carpina e ao seu povo!

Bibliografia

BÍBLIA SAGRADA -Nova Tradução na Linguagem de Hoje. São Paulo-SP, Pia Sociedade Filhas de São Paulo. Edições Paulinas.

COSTA, Maria de Jesus Andrade Nunes da. **Carpina: Ler e Sentir**. Recife: Campanha Editorial de Pernambuco (CEPE) 1991;

FONSECA, Homero. **Pernambucânia, O que Há nos Nomes de Nossas Cidades**. Segunda Edição, Recife, CEPE: Fundarpe, 2008.

MARINHO, Edite. **Fatos, Vidas e Causos**. Carpina, 2008.

MARINHO, Josi; Ferreira, Paulo; Sivaldo, Venerano. **Carpina, Terra do Leão do Norte**, CEPE: Recife (Carpina), 2018.

RAMOS, Teresa Maria Cysneiros. **Tecendo Histórias**. 1ª Ed, Carpina-PE: Edições Bagaço, Recife 2009.

SCHWENNHAGEN, Ludwig. **Antiga História do Brasil: de 1100 a.C. a 1500 d.C**. Quinta Edição Limeira S.P: Editora do Conhecimento, 2004.

SILVA, Ana Lígia Lira da, 1979. **O Capitão dos Índios: a Fascinante História Real de um Aventureiro Português no Brasil Colonial**. Recife, Ed. do autor, 2007

SILVA, Tony Danilo Pereira da. **Tracunhaém: Uma freguesia pernambucana**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2018.

Ramos Silva (Apresentação)

Jornalista, escritor, radialista, comunicador, fundador do Jornal Voz do Planalto. Severino Ramos Pereira da Silva é filho de Júlio Gomes da Silva e Carlinda Gomes Pereira da Silva (em memória). Natural de Carpina, é casado com a professora aposentada Rosângela Borba Silva, pai de Júlio Antônio e Mariana. Ele iniciou a sua carreira de comunicação na extinta Rádio Planalto. Aturou também nas rádios Globo e Rádio Clube de Pernambuco, tendo participado de programas da extinta TV Tupi, canal 6.

Teve sua carreira artística como comediante e redator de textos humorísticos, quando fez parte da dupla Coroné Caruá e Altenes, imitando ao saudosos Coroné Ludujero e Otropi. Chegou a gravar dois discos que fez sucesso nas rádios e programas de TV da década de 70. Hoje, além de diretor do jornal Voz do Planalto (on-line), é repórter especial do programa Super Manhã, da Rádio Jornal, com Geraldo Freire. Também atua como youtuber. Faz parte da equipe do Programa Hildebrando Marques.

Paulo Ferreira (Autor)

Paulo Fernando Ferreira de Paula, filho de Maria José e Sebastião Ferreira de Paula (em memória), nasceu na Usina Petribu, em 1955. Com registro de nascimento em Carpina. É jornalista (DRT 8003/PE), formado pela Universidade Católica de Pernambuco, escritor, cronista, colunista, revisor de textos e pesquisador.

Atualmente trabalha como redator e repórter do Jornal On-line Voz do Planalto. Atua também na Editora Cenário. Trabalhou em jornais e revistas no Recife, como a Folha de Pernambuco e Jornal do Comércio.

Membro da União Carpinense de Escritores e Artistas (UCEA). É ativista do meio ambiente, fazendo parte do Movimento Reflorestando Carpina. É coautor dos livros “Carpina, Terra do Leão do Norte” e “Carpina em Saudades”.

Apoio Cultural



GOVERNO DE
CARPINA
A FORÇA DO TRABALHO



MINISTÉRIO DA
CULTURA



